

“LUA, LUAMANDA, COMPANHEIRA, MULHER”: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO CONTO LUAMANDA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

“LUA, LUAMANDA, COMPANION, WOMAN”: REPRESENTATIONS OF THE FEMALE IN THE STORY LUAMANDA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Francisca Cibele da Silva Gomes¹

RESUMO

A autora Conceição Evaristo debruçou-se sobre a escrita dos seus personagens de modo a ressignificar e desconstruir os estereótipos construídos ao longo da literatura brasileira, e com as mulheres protagonistas não foi diferente. Nesse contexto, o presente artigo possui, como objeto de estudo, as representações do feminino negro no conto Luamanda, suas interpretações e os contextos formulados pela personagem Luamanda. Como objetivos específicos têm-se em descrever a performance literária empreendida pela autora, especificar as representações do feminino advindas das narrativas evaristianas e apresentar os discursos expelidos pela personagem em questão. A metodologia baseou-se em um estudo qualitativo de abordagem descritiva bibliográfica amparada em autores como Ribeiro (2021), Carneiro (2019), Kilomba (2019), entre outros que abordam o feminino negro e as suas representações. Também fez análise dos discursos e expressões identitárias proferidos a partir da personagem Luamanda. Em termos de resultados, nota-se que as narrativas evaristianas são manifestações de denúncias e desconstrução das representações construídas em torno das mulheres negras, no caso de Luamanda formulou-se a resistência e a ressignificação de uma mulher que ansiava freneticamente pela liberdade. Podendo ser vista através de sua voz narrativa como protagonista e também como construtora de uma identidade feminina negra.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo. Luamanda. Representatividade negra

ABSTRACT

The author Conceição Evaristo focused on the writing of her characters in order to reframe and deconstruct the stereotypes built throughout Brazilian literature, and with the female protagonists it was no different. In this context, this article has as object of study the representations of the black female in the short story Luamanda, its interpretations and the contexts formulated by the character Luamanda. The specific objectives are to describe the literary performance undertaken by the author, to specify the representations of the feminine arising from the Evaristian narratives and to present the speeches expelled by the character in question. The methodology was based on a qualitative study with a descriptive bibliographic approach supported by authors such as Ribeiro (2021), Carneiro (2019), Kilomba (2019), among others who address the black female and its representations. It also analyzed the speeches and identity expressions uttered from the character Luamanda. In terms of results, it is noted that the Evaristian narratives are manifestations of denunciations and deconstruction of the representations built around black women, in the case of Luamanda, the resistance and resignification of a woman who frantically yearned for freedom was formulated. It can be seen through her narrative voice as a protagonist and also as a builder of a black female identity.

KEYWORDS: Conceição Evaristo. Luamanda. Back Representativeness.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa possui, como objeto de análise, as representações da personagem Luamanda na obra contista *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo. De modo a salientar suas interpretações subjetivas acerca do feminino negro e do seu contexto de ressignificação da mulher negra e também as opressões que permeiam o subúrbio brasileiro em que estava inserida. Revela-se, nas suas percepções, que se trata de protagonismo ímpar na caracterização e representação das mulheres negras na literatura brasileira, sobretudo pela abordagem das suas vivências familiares, trabalhistas, sexuais e pela narrativa da sua trajetória de vida pela sua ótica protagonista.

Para tanto, tem-se como objetivos específicos descrever a performance literária empreendida pela autora Conceição Evaristo, especificar as representações do feminino negro advindas das narrativas evaristianas e apresentar os discursos expelidos pela personagem Luamanda no contexto em que estava inserida e as suas estratégias de ressignificação e representação da mulher negra. A pesquisa acadêmica justifica-se pela necessidade de tornar ainda mais visível as narrativas femininas de resistência e denúncias assinaladas nas obras da escritora brasileira, sobretudo no seu papel social e político em torná-las protagonistas na literatura, abrindo espaços para outros olhares sobre a História dos subalternos e na exclusão social no Brasil frutos do racismo e sexismo.

A abordagem metodológica desenvolvida foi baseada em uma pesquisa bibliográfica a partir dos autores que trazem olhares sobre o protagonismo das mulheres negras, as opressões e as exclusões raciais e sexistas como Carneiro (2014), Ribeiro (2021), Kilomba (2019), entre outros. Para que fosse possível debruçar nas temáticas abordadas no conto *Luamanda*, sobretudo nas suas representações femininas, sexuais, sociais e políticas, foram de grandiosa relevância, para os estudos históricos e a crítica literária, as questões raciais e de gênero, na sociedade brasileira, reformuladas nas obras de Conceição Evaristo.

Em termos de resultados assinalados com a pesquisa, as narrativas empreendidas pela autora são manifestações literárias que utilizam do campo ficcional para discutir e debater problemas sociais, políticos e econômicos que afligem a população negra brasileira, por isso justifica o seu potencial sensível e subjetivo que aliou uma escrita poética com a narração do cotidiano dos seus personagens, sobretudo as mulheres que são maioria nos seus papéis de protagonistas.

Trata-se de uma abordagem crítica a partir das vivências pessoais e da interlocução feita entre criação autora e realidade tangível. Essas questões emergem no conto *Luamanda* pela interpretação da própria personagem negra que vive em um contexto opressor e periférico marcado

pela exclusão e marginalização social, mas que faz de seus algozes ponto de partir para ressignificar sua trajetória de vida e sobrevivência.

2 VIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS: A LITERATURA CONTISTA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

O discurso do feminismo negro pressupõe o enfretamento da universalização da categoria da mulher ideal branca nas histórias literárias. Esse debate engloba também as várias possibilidades de ser mulher ao considerar as outras intersecções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero, as histórias de resistências e produções elaboradas pelo público feminino negro.

Embora a falta de visibilidade ainda seja um problema para a difusão e expressão das narrativas feministas negras na contradição dos modelos dominantes e na disputa hegemônica, ela inviabiliza outras experiências de conhecimento e lugares de fala (RIBEIRO, 2021). Por conseguinte, “seria preciso, então, desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina cis e heteronormativa e debater como as identidades que foram construídas nesses contextos” (RIBEIRO, 2021, p. 27). Portanto, negar outras verdades significa:

Por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em confrontação desconfortável com as verdades da/o “*Outra/o*”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito deste dito “mantido em silêncio como segredo”. Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravização. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (KILOMBA, 2019, p. 41).

O medo de romper o silêncio é justificado pela necessidade em manter os brancos classistas e racistas no poder, na governança e no ditar das regras do jogo social. Acredita-se que as verdades que possam ser ditas quando uma pessoa negra grita sua revolta ou faça um apelo reivindicatório seja do desagrado e do enfretamento da sociedade racial. Por isso, é mantido em segredo, silenciado e amordaçado como nos primórdios do cativeiro tropical. Seria uma maneira, violenta e hostil, de manter quem sempre esteve no poder, permanecendo no mesmo âmbito e com os mesmos discursos engessados de dominação e uma falsa ideia de que fala por todos e para todos. Se alguém questionar quem são esses “todos” saberá que são apenas aqueles que fazem parte do seu meio grupal, portanto, exclui a maioria que é chamada de minoria social, aqueles que são marginalizados, violentados e segregados por serem negros, principalmente, se forem negros. Resignificar o

racismo de uma maneira naturalizada, como se existisse apenas na cabeça dos negros e negras, e ansiar que suas atitudes como sujeito branco e privilegiado não fossem ambíguas e disruptivas (KILOMBA, 2019).

Nesse contexto, o racismo corresponde a crença na superioridade inerente de uma raça em relação as outras, fazendo-se reforçado pelo suposto direito de dominância. Para a autora Lorde (2013), reagir a essa conjuntura significa responder com raiva a todos os traumas e desgostos infligidos aos corpos e existências afro-americanos, significa agir respondendo à raiva da exclusão, do privilégio inquestionável, das distorções raciais, do silenciamento, dos maltratos e dos estereótipos. A raiva também é uma resposta às atitudes racistas e às ações que surgem dessas expressões representativas e excludentes.

O diálogo que pode surgir desse contexto de fúria reconhece as necessidades e os contextos vivos de outros negros e negras. Na visão de Carneiro (2014), a branquitude, enquanto sistema de poder estabelecido no contrato social do qual todos os brancos são beneficiados, embora nem todos sejam signatários, pode ser descrita por formulações complexas e empíricas que evidenciam a prevalência da brancura em todas as instâncias de poder da sociedade: nos meios de comunicação, nas diretorias, gerências e chefias das empresas, nos poderes Executivos, Legislativos e Judiciários, nas hierarquias eclesiásticas, no corpo docente universitário público ou privado, entre outros âmbitos. A negritude se acha inscrita no signo da morte, sendo identificados no déficit de jovens negros em função da violência que os expõem prioritariamente, além dos demais negros e negras cujas vidas são cerceadas por mortes, preveníveis e evitáveis, que ocorrem por omissão do poder público.

Para a escritora e intelectual Conceição Evaristo, representar personagens brancos em lugares de poder significa retratar a realidade e a ficção sem retirar essas pessoas das suas construções sociais fixadas na História. Não tirar seu posicionamento na sociedade, apenas denunciar suas expressões raciais. Pela construção dos personagens brancos, aponta-se a prepotência, os desmandos e os privilégios do poder exercido pelas pessoas brancas sobre os não brancos. A autora também afirma que historicamente os personagens negros são moldados sob um olhar que os definem como preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, sexualizados com seus corpos, sujeitos incapazes de pensar ou viver sentimentos amorosos ou afetos, e as culturas africanas e afro-brasileiras são comumente exotizadas ou folclorizadas (EVARISTO, 2020).

O rastro de segregação racial empreende desde o período colonial brasileiro quando os escravizados eram submetidos a todas as espécies de maldizeres e violências, era um contexto opressor que pretendia, para além da violência, excluir e inferiorizar os negros. Essas mulheres

cativas também tinham como função cuidar das famílias dos brancos ricos. Elas eram trabalhadoras nas lavouras, escravas sexuais, submissas sem um momento em que seus corpos escravizados, cerceados em suas vontades, em sua liberdade calada, silenciada, pudessem gritar em estado de desobediência.

Para Conceição Evaristo, essas são expressões de sufocamento que a fizeram pensar na escrita como um espaço de exortação a partir da Escrivivência das mulheres negras como uma ação que pretendesse borrar e desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz escravizado tivesse potência de emissão das potências de voz, criação, engenhosidade que a casa-grande soube escravizar (EVARISTO, 2020).

A autora Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946, foi empregada doméstica até concluir o Curso Normal, ingressou no curso de Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez mestrado em Literatura Brasileira na PUC do Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Estreou no âmbito da publicação literária no projeto Caderno Negro e publicou vários livros: *Ponciá Vivência* (2003), *Becos da Memória* (2017), *Poemas da Recordação* (2011), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos D'Água* (2014) e *História de Leves Enganos e Parecenças* (2017) e *Canção para Ninar Menina Grande* (2018). Em todas as suas obras, segundo Souza (2021) dos anais de *O ser e o estar da mulher negra no conto "Luamanda", de Conceição Evaristo*, o protagonismo foi marcado pela presença de mulheres negras que expõem seus contextos de sofrimento, humilhação e exclusão.

Os contos de Conceição Evaristo rasuram os modos consagrados de representação das mulheres negras brasileiras na literatura, propondo outros olhares sobre afrodescendência e representatividade feminina. O termo gênero, desde o século XX, começou a designar o processo de construção do feminino e masculino na sociedade de modo a delimitar os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens e suas relações. Deixando claro que o sexo é uma categoria biológica e gênero é uma construção da diferença sexual, mesmo ignoradas, as autoras escreviam e utilizavam sua palavra com resistência, a exemplo de Maria Firmina Reis, Carolina Maria de Jesus, Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, entre outras.

Por meio das escritoras, podemos conhecer uma história vista sob o ponto de vista feminino ativo e resistente à coisificação. Essa questão é ainda mais sensível quando são consideradas outras categorias, como raça e classe. Os textos marcados etnicamente realizam um trabalho teórico-conceitual e se faz necessário para modificarmos a ideia de mulher negra a fim de desconstruir as imagens e conceitos negativos e estereotipados produzidos sobre o feminino negro distante da ideologia sexista e racista (PALMEIRA; SOUZA, 2008).

A autora também reflete sobre a vivência das mulheres na periferia a partir de seus silenciamentos, fraturas e subjulgamentos, mas também resgata sua força como mães e mulheres transformam seus corpos em instrumentos de luta e resistência às políticas de morte, impostas pelo sistema de violência e opressão racista, pois o feminino em *Olhos D'Água* se define enquanto luta, resistência e denúncia das marcas do poder e existência das mulheres nos centros periféricos.

Importante salientar que a discriminação em função da classe social é algo difundido por uma parte numerosa da população, incluindo aqueles que pertencem às classes desprotegidas. O discurso em desfavor do pobre não pertence a ele, mas também é difundido por ele. A cor da pele é um dos fatores que determina inúmeras injustiças no Brasil, já que a maioria dos negros vivem em situação desfavorável. E a sociedade brasileira ainda se constitui como uma das mais perigosas para o público feminino devido a cultura patriarcal e sexista (PEREIRA; LISBOA, 2019).

Para tanto, a escrita de Evaristo simboliza:

Sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana se fundem na representação de mulheres negras, faveladas, domésticas, mães, enfim, num caleidoscópio de mulheres presentes na sociedade brasileira. No conjunto da obra, estão sempre presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, crianças, amantes e homens, todos vinculados a dilemas éticos, existenciais e sexuais numa pluralidade de vulnerabilidades que constituem a humana condição. Poucos escritores representaram o cotidiano da periferia com tanta austeridade e descobriram tantos recursos nos motivos mais simples. O caleidoscópio de mulheres apresentado por Conceição Evaristo nos contos que integram a obra *Olhos d'Água* denuncia a invisibilidade e a marginalização da mulher afro-brasileira, que vive na periferia das grandes cidades. A resistência é o fio condutor da obra. (PEREIRA; LISBOA, 2019, p. 174).

A autora mineira fez de seus escritos expressões dos contextos reais que afligem mulheres, homens e crianças nos subúrbios brasileiros e em suas vidas diárias. Sua escrita possui um potencial em emocionar e sensibilizar seus leitores em razão das temáticas abordadas, da sua forma poética de escrita e da criticidade empreendida em cada obra. São marcos de uma mulher escritora negra que tornou seus livros percussores de uma narrativa crítico social e histórica da sociedade estruturalmente racista e sexista a partir da exposição dos contextos opressões e excludentes contada pelas perspectivas das protagonistas negras, expondo inferiorizações e ressignificações dessas conjunturas por meio da representatividade, luta, revolta e significação do papel feminino negro.

Conceição Evaristo, ao produzir uma literatura afro-brasileira, apega-se a defesa das experiências das pessoas negras ou afrodescendentes em seus modos próprios de produzir e conceber a vida e a si mesmo com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. Tendo sido os corpos negros, durante séculos, violados em sua integridade física, interditados em seus espaços

individuais e coletivos pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, desumanizados pelas relações raciais que vigoram na sociedade.

Coube a eles inventarem formas de resistência e ressignificação. No caso da literatura, difundiu-se um discurso que emerge personagens e histórias diferentes do cânone literário, veiculado às classes detentoras do poder político-econômico. Esse processo de construção ficcional desses modos estereotipados ou invisíveis moldou como os negros e negras foram vistos no campo literário (EVARISTO, 2009). A autora fez, de sua produção literária, um mecanismo de libertação e denúncia dos contextos opressores, das condições precárias de vida e sobrevivências nas periferias, da violência que comete os moradores dessa região e do sentimento de impotência e marginalização vivenciado por mulheres, homens e crianças negras brasileiras.

A literatura evaristiana se tornou meio e objeto de revolta, denúncia e representação das mulheres negras que são interpretadas como protagonistas em seus contextos de formação e desenvolvimento. Elas não são vistas pelo olhar do Outro, mas pela visão de quem vive e sente na pele e na vida diária as dores, as alegrias e as sobrevivências que a exclusão social e marginalização impõem sobre seus corpos e suas existências. Trata-se de dar vozes a quem possui empecilhos raciais e de gênero que obstruem a sua livre expressão e integração na sociedade.

Também se constituem marcos da produção literária afro-brasileira, sobretudo uma escrita produzida por mulheres e protagonizada por mulheres, ambas negras, em seus lugares de fala, próprios posicionamentos acerca do mundo em que vivem e suas interpretações das ressignificações da subjetividade e das suas múltiplas representações socioculturais. Diante da noção em que o protagonismo é central na figura branca, são discursos que subvertem o cânone literário tradicional.

3 REPRESENTATIVIDADE FEMININA NEGRA: NARRATIVAS IDENTITÁRIAS NO CONTO LUAMANDA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Os discursos que assumem o protagonismo das mulheres negras pressupõem defender seus próprios pontos de vistas amparados em suas experiências e existirão certos elementos que serão compartilhados pelo público feminino como grupo. Embora a vivência partilhada produza visões em comum, a variedade de classes, regiões, idades e orientações sexuais moldam as vidas individuais das mulheres, tendo como resultados diferentes expressões.

Logo, o papel das intelectuais é o de produzir fatos e teorias sobre as experiências femininas negras. Em outras palavras, o pensamento feminista negro contém interpretações sobre a condição de vida e sobrevivência. Grande parte desse pensamento é produzido oralmente,

embora as suas ideias tenham sido cada vez mais documentadas e interpretadas. Feministas negras têm questionado não somente o que tem sido dito sobre as mulheres, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder, especialmente as versões distorcidas de modo a colocá-las em posições de protagonistas (COLLINS, 2016).

O objetivo é “definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de ‘outro’ objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação” (COLLINS, 2016, p. 105).

Pensando acerca desse conceito de outro, pode ser especificado

Tanto ideologias racistas como sexistas compartilham a característica comum de tratar grupos dominados – os “outros” – como objetivos aos quais faltam plena subjetividade humana. Por exemplo, ao enxergarem as mulheres negras como mulas teimosas e as brancas como cachorros obedientes, ambos os grupos são objetificados, mas de maneiras diferentes. Nenhuma das duas é vista como plenamente humana e, portanto, ambas se tornam elegíveis para modelos específicos de dominação de raça/gênero. No entanto, se as mulheres negras recusaram a aceitar o seu status prescrito de “outro” por excelência, então toda a justificativa para esse tipo de dominação torna-se contestada. Em resumo, maltratar uma mula ou um cachorro pode ser mais fácil do que maltratar uma pessoa que é reflexo da própria humanidade daquele que maltrata. (COLLINS, 2016, p. 106).

As ideologias racistas e sexistas compartilham a característica em tratar os grupos dominados de “Outros” como objetivos e não como plenamente humanos. No entanto, as mulheres que recusam a serem objetificadas partem do pressuposto da contestação e da revolta para serem humanizadas dignamente. A exemplo da voz autora de Conceição Evaristo, que expressou em seus textos as marcas do seu pertencimento sociocultural, favoreceu a abertura de espaço aos sujeitos negligenciados e invisibilizados. Contrariando a suposta capacidade inata para cuidar e servir, estando dissociada da ideia de sujeito com consciência crítica ou representativa. Vivenciando a própria exclusão social, política e econômica, a autora sentiu a necessidade de produzir uma escrita galgada na memória e na experiência da mulher negra (BISPO; LOPES, 2018).

Nessa conjuntura, o conto *Luamanda* também assume a postura representativa das mulheres negras como protagonistas e fundamentais para análise das conjunturas sociopolíticas e do papel de cada uma em representar e transpor as vozes femininas para o discurso literário. A personagem se orgulha do seu narcisismo como marca de uma mulher que passou por trambolhões e acidentes em sua vida-estrada e, mesmo assim, ainda estava íntegra e disposta a viver tudo que a vida trouxe. Comparava-se a lua no céu e sentia a taquicardia que sua vida provocava em suas memórias (EVARISTO, 2016). Sua infância foi marcada pela busca do amor.

Ela iniciara cedo na busca, menina, muito menina ainda. Lembrava-se da primeira paixão. Sentimento esquivo, onde se misturavam revistas em quadrinhos, giz colorido, partilhado de pão com salame e um epílogo cruel dramatizado pela surra que levava da mãe. O amor dói? Na época pensou que a dor de amor era tanta, porque tinha onze anos e um corpo-coração pequeno. E desejou crescer. Entre um pelo e outro que nasciam em suas axilas e sobre seu púbis ensaiou e experimentou sorrisos, acenos distantes, piscar de olhos, troca de desenhos, cartas mal-escritas borradas com os dedos trêmulos de amores platônicos. O amor é terra morta? Um dia, aos treze anos, a cama do gozo foi arrumada em pleno terreno baldio. A lua espiava no céu denunciando com a sua luz um corpo confuso de uma quase menina, de uma quase mulher. Corpo-coração espetado por um falo, também estreante (EVARISTO, 2016, p. 60).

Ao se lembrar da primeira paixão ainda na infância, sem saber ao certo o que estava fazendo, misturava-se a infância das revistas em quadrinhos, a escola, a divisão de alimentos, a surra que a mãe infringia sobre seu corpo. Ela desejou crescer e ser adulta, porque não sentia confiança suficiente para buscar o amor sem sentir medo. Entre as primeiras amostras da puberdade, experimentou os primeiros acenos, troca de cartas, amores ainda platônicos. Pode-se perceber que sua criancice foi interrompida cedo pela necessidade em ser adulta, em procurar, no consolo de uma outra pessoa, o amor que não encontrava no seu dia a dia. Ela se questiona se o amor era terra morta ou se o amor doía, a dor se mesclou com o sentimento de mágoa e tristeza por não sentir amada e não sentir que seria amada. A personagem acrescenta ainda:

Depois, em outro tempo, quando já acumulada de várias vivências, ela deparou-se com um homem que viria inaugurar novos ritos em seu corpo. Uma sensação estranha, algo como um jorro-d'água ou um tapa inesperado caiu sobre o rosto de Luamanda, ao avistá-lo pela primeira vez. Ele sorriu. Ela sentiu o sorriso desgrudando da face dele e mordendo lá dentro dela. O coração de Luamanda coçou e palpitou, embora a cara da lua nem estivesse escancarada no céu. Não fazia mal, a lua viria depois. E veio, várias vezes. Lua cúmplice das barrigas-luas de Luamanda. Vinha para demarcar o tempo grávido da mulher e expulsar, em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco. Navegação íntima de seu homem no buraco-céu aberto de seu corpo. O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas? (EVARISTO, 2016, p.60-61).

A personagem, agora mais madura em sua idade e ainda buscando o amor, depara-se com um outro sujeito. Agora, sente outras sensações em sua face, não é o amor tímido e platônico. Trouxe consigo cinco filhos fruto do seu relacionamento. Luamanda termina perguntado se o amor é um poço onde jorra águas-lágrimas das dores violentas que infringiram seu corpo advindas dos filhos nascidos. A autora Conceição Evaristo traça, em sua análise do discurso, uma denúncia a uma das condições femininas nos âmbitos periféricos com a presença do sexismo e da marginalização das mulheres, mas também ressalta representações da maternidade e da experiência de uma jovem mãe com seus cinco filhos criados unicamente pela sua presença. Embora, a personagem em sua busca pelo amor, agora encontrou no mundo lésbico:

Depois, tempos depois, Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus. Os bicos dos seios dela roçando em outros intumescidos bicos. No primeiro instante, sentiu falta do encaixe, do membro que completava. Num ato de esquecimento, sua mão procurou algo ereto no corpo que estava diante do dela. Encontrou um falo ausente. Mas estava tão úmida, tão aquosa aquela superfície misteriosamente plana, tão aberta e igual a sua, que Luamanda afundou-se em um doce e femil carinho. E, quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes aos seus, quando a sua igual dançou com leveza a dança-amor com ela, saudade alguma sentiu, vazio algum existiu, pois todas as fendas de seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra. O amor se guarda só na ponta de um falo, ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra? (EVARISTO, 2016, p. 61).

Luamanda também procurou o amor nos braços de uma mulher. A bissexualidade foi vista nesse trecho da vida da personagem como a experiência de amar alguém igual a ela, um amor que não precisava nascer na “ponta de um falo”, mas no coração de um para o outro. A personagem não partilha de uma visão heteronormativa na vivência sexual, trazendo para a narrativas outros olhares acerca das orientações sexuais. Fugindo do tradicionalismo engendrado na literatura brasileira em apenas atribuir as relações amorosas heterossexuais entre homens e mulheres, e ainda atribuindo a narração protagonista exclusiva a uma personagem feminina. A autora escreve sobre as experiências sexuais, a amorosidade e a representatividade de uma mulher que ama tanto homens como mulheres, que exerce livremente a sua sexualidade. O seu próximo amor foi um homem jovem que se sentiu ainda mais rejuvenescida:

Luamanda, um dia, também amazona, montada então sobre um jovem. O moço encantado por aquela mulher que ele sabia madura, mas de imprecisa idade. O jovem amamentando-se no tempo vivido dela. Luamanda se realimentando, reencontrando a sua juventude passada e encantada pela virilidade quase inocente dele. Era tão grande a juvenil força do moço a atravessar o corpo de Luamanda, que ensandecida, às vezes, quando ele estava lá embaixo no buraco-perna, ela pensava que o intumescido bastão dele ia penetrar no seu corpo, desde lá de baixo e lhe vazar pela boca afora. O amor não cabe em um corpo? (EVARISTO, 2016, p. 61).

O conto também narrou a história de Luamanda na perspectiva de amor que a tornou mais viva em suas experiências amorosas. Uma delas trata do jovem moço que via, na aparência da protagonista, um sinal de sabedoria e respeito. Para a personagem, a juventude do homem a tornou mais jovem ainda ao ser “realimentar” através da expressão de supressa e devoção atribuída ao parceiro. Nessa narrativa, percebe-se uma mulher empoderada, forte e com autoestima elevada como uma “amazona” ao tornar a sua própria vivência forte para alimentar o seu conhecimento e ponto de partida para sentir ainda mais revigorada. Ela ainda afirma: “lua, Luamanda, companheira, mulher. Havia dias em que era tomada de uma nostalgia intensa. Era a lua a mostrar-se redonda no céu, Luamanda na terra se desminlinguia todinha. Era como se algo derretesse no interior dela e ficasse gotejando bem na altura do coração” (EVARISTO, 2016, p. 59-60).

A protagonista também lembra de um romance com um homem mais velho:

Tantos foram os amores na vida de Luamanda, que sempre um chamava mais um. Aconteceu também a paixão avassaladora pelo velho, pelas rugas que ele trazia na pele, pelo cansaço dele, pela cópula que ela esperava e espreitava durante dias e dias. Era tão bom contemplar aquele falo adormecido, preguiçoso, sábio de tantos corpos-histórias do passado. Era como vivenciar uma duvidosa e infiel fé, sustentada por uma temerosa esperança de que o milagre não acontecesse. E foi no corpo velho que ela melhor executou o ritual do amor. Pacientemente penteava ou ouriçava, com os dentes, os embranquecidos pentelhos do corpo dele. E de noite, depois de muitas noites, quando a pedra envergonhada e soturna se desabrochava em flor, ambos cavavam o abismo do abismo encontrando o nada como realidade única e, então, é que aconteciam as juras de amor. E o velho vinha lento, calmo, cuidadoso, cioso do fundo caminho que ele teria de adentrar. Ela também calma, apenas retesando suavemente os finos véus sanguíneos, bordados nas paredes vaginais. Ele chegava e ela silenciando os gritos se quedava embevecida diante do quase nada de um átimo de prazer. O amor é um tempo de paciência? (EVARISTO, 2016, p. 62).

Vários foram os amores de Luamanda, mas um deles a marcou pela calma e pela leveza de deixar a paixão ser algo devagar e sereno. Um amor por um homem velho em contraste com a sua velhice foi marca de uma vivência que a fez experimentar o sossego e a atração por alguém que já tinha vivido de tudo um pouco na vida, assim como ela também havia vivido. Era um encontro em os “corpos-histórias do passado” fazendo a se perguntar se o amor é um tempo paciente. Nessa narrativa, a personagem rompe com a visão sexualizada da mulher negra presente nas histórias literárias, mas também quebra com a perspectiva em que ter muitos amores seria uma vergonha ou uma deixa para chamá-la dos nomes que são atribuídos às mulheres com muitos amores, porque é a sua essência, faz parte da sua constituição enquanto ser feminino em suas vivências que construíram sua personalidade e sua representação e a tornaram ímpar e despida de preconceitos raciais e sexistas. No entanto, também experimentou a dor e a violência de um amor cruel:

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E, durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se ao sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio. Logo ali onde a vida se entranha e desentranha. Ali onde Luamanda havia parido concretas e vitalícias lembranças de si e de outro homem que ela amara tanto, nas doces visagens de seus filhos. Foi um tempo em que precisou exercitar a paciência com o seu próprio corpo. Trancada em si, ou melhor, aberta para si mesma, com as mãos espalmadas e leves imaginava lenitivos carinhos. Chorando alisava, bulia, contornava uma cicatriz que ficara desenhada em um ponto da pele, onde os pelos se rareavam para sempre, era um ponto único, minúsculo, um impertinente calombo. Ali, então alisava a dor e seus contornos. Era preciso convencer-se na sua floresta espessa e negra de que o prazer era uma via retornável, de que o gozo ainda era possível. O amor comporta variantes sentimentos? (EVARISTO, 2016, p. 62-63).

Luamanda que havia vivido amores variados, agora surpreendeu-se com a dor de um amor trágico que apunhalou seu corpo com um espeto, armada usar por um homem que não aceitou o

término do relacionamento. A mágoa corporal se tornou uma marca que a lembrava sempre de um “estranho fim amoroso”, daqueles que inúmeras mulheres brasileiras, pobres, negras e marginalizadas vivenciam no seu cotidiano. Era preciso se convencer de que ainda havia amor e novas experiências após tantos desastres em sua vida. Para a personagem, sua história feminina seria uma eterna aprendizagem por dentro e por fora, a cada amor vivido, ela sabia um pouco ou talvez nada, pois cada um foi singular e os próximos também seria (EVARISTO, 2016). Em todas as faces, viveu como dona de seu próprio corpo, dos seus desejos e em liberdade, rompendo os padrões femininos estabelecido pelo patriarcado. Era única, feminina, livre, distante da normatividade, sempre atenta aos seus desejos e amores ao contornar, inventar e se tornar mulher (MENDONÇA; BARBOSA, 2019). Ela também era:

Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo. Alma-menina no tempo? Não, ela não se envergonhava de seu narcisismo. Era como ele que ela compunha e recompunha toda a sua dignidade. Encarou novamente o espelho e se lembrou de um poema, em que uma mulher, contemplando a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua outra face, a antiga, pois não se reconhecia naquela que lhe estava sendo apresentada naquele momento. Não, não era o caso de Luamanda, que se reconhecia e se descobria sempre. Pouquíssimos fios de cabelos brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais. Imaginou-se com os cabelos brancos sobre o rosto negro. Seria bela como a Velha Domingas lá das Gerais. Viajando no tempo-evento de sua vida, Luamanda, distraída, esqueceu-se do compromisso para o qual se preparava no momento, acordou, para o encontro que estava por acontecer naquela noite, quando ouviu os assobios de alguém que aguardava por ela lá fora. Apressou-se. Poderia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera (EVARISTO, 2016, p. 63-64).

A protagonista não se envergonha do seu narcisismo, pois foi ele quem a moldou e ressignificou sua dignidade, sua representação feminina. Suas marcas da velhice não eram motivos para vergonha, mas orgulho do tempo que havia vivido, dos amores, dos medos e da maturidade. Feliz que teria mais um encontro, naquela noite, apressou-se, porque o tempo não suportava mais esperas. A autora pretendeu, com a criação de Luamanda, reconstruir a identidade da mulher negra ultrajada pela imagem pejorativa da hipersexualização e da objetificação, pois agora não era mais um objeto, mas alguém que deseja. Alguém que lutou pelos seus desejos, anseios e pela liberdade de exercer livremente sua personalidade feminina, pela igualdade, justiça contra o sexismo e racismo (MENDONÇA; BARBOSA, 2019). Para Souza (2021) no livro *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, além do sentimento de culpa e inferioridade, insegurança e angústia que atormenta a representação das mulheres negras, provocando-lhes o efeito de autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica frutos da humilhação, intimidação e decepção próprios por não corresponder às expectativas que a sociedade impõe como ideal.

Em meio a opressão vivenciada pela comunidade afro-brasileira advindas de um profundo e avassalador racismo estrutural que definiu as entranhas e os ideais de uma sociedade ainda marcada pela discriminação, violência, sexismo impregnado na população negra. Em uma tentativa secular de colocar o branco como sendo superior e mingando todas as formas de expressões das mulheres, homens e crianças negras. Percebe-se que a literatura brasileira desprestigiou, por muitos anos, a diversidade cultural e étnica, segregando-os aos papéis subalternos e, no caso das mulheres negras, tornou-as sexualizadas, pertencentes a uma moral duvidosa, ocupando funções servis, sendo quase invisíveis ou objetivadas, exceto ocupando seus lugares de vozes, representação e identidade.

Logo, o protagonismo de Luamanda na obra evaristiana significou e simbolizou a composição de uma literatura afro-brasileira encabeçada por personagens femininas em seus contextos de formação e no dia a dia. Salientando não somente a violência, a miséria ou fome, mas as suas ressignificações e denúncias dos problemas que as afligem, mas também incitando os culpados pelas negligências as suas vidas e a sua história de pertencimento. São únicas e ímpares para discorrer acerca do papel das mulheres negras na sociedade, sobretudo desmitificar os estereótipos e romper com a subalternização impostos secularmente a uma camada social gigantesca e silenciada pela opressão, exclusão e marginalização. Existem milhares de Luamanda, embora desconhecidas e oprimidas pela sua ânsia pela liberdade sexual e liberdade em ser mulher.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres negras na literatura de Conceição Evaristo deixam o discurso estereotipado ou o papel de objeto da representação de um Outro para ser sujeitos e objetos da escrita literária. Por meio das suas perspectivas subjetivas marcadas pelas vivências de ser mulher negra na sociedade brasileira. Seus escritos contribuem para a construção de uma história que revelam apagamentos e desprivilégios. Nenhum discurso literário é neutro ou transparente. As obras da autora demonstram que sua escrita se constitui em um espaço de contestação e reflexão da história afro-brasileira através das figuras negras femininas.

As mulheres evaristianas são advindas dos subúrbios brasileiros, que vivem com baixa renda, como a ex-mulher de um assaltante, uma prostituta, uma empregada doméstica, uma morador de rua, são as protagonistas dessas obras. Mulher que são o centro do núcleo familiar e cuidam dos filhos, companheiros(as) ou ainda detentora do conhecimento, da memória e da referência ancestral. Trabalham em condições sub-humanas, péssimas condições de moradia e violência (PALMEIRA; SOUZA, 2008).

Portanto, a autora Conceição Evaristo traço a partir da personagem Luamanda, olhares de uma mulher negra acerca das suas vivências, desejos, sonhos e frustrações. O protagonismo feminino se tornou singular na medida em que não se apropriou de visões estereotipadas para representar o feminino negro, mas desconstruir noções fragmentadas e discursos distorcidos do que seria a vida de uma mulher no subúrbio, de uma mãe solteira e uma sujeita que inspira liberdade ao assumir todas as suas nuances e libertações amorosas e identitárias. Significou também romper com a noção de outro, pois não mais são vistos pela perspectiva externa, mas a sua própria experiência em uma sociedade estruturalmente racista e sexista. Servindo como porta voz de denúncias ao mesmo tempo que expõem as circunstâncias dos seus contextos. Trata-se de enegrecer a literatura brasileira com vozes verdadeiras, reais e imaginárias vistas sob a ótica dos seus sujeitos de fala, ou seja, do protagonismo negro.

REFERÊNCIAS

BISPO, Ella Ferreira; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Escrivivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. **Revista Língua & Literatura**, *online*, v. 35, n. 20, p.186-201, jan./jun. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Epistemicídio. **Portal Geledés**, 4 out. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, *online*, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p 26-48. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo. **Portal Geledés**, 19 maio 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-usos-da-raiva-mulheres-respondendo-ao-racismo/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

MENDONÇA, Fernanda de Quadros Carvalho; BARBOSA, Adriana Maria Abreu de. Luamanda e suas “sete faces”: um olhar sobre o conto “Luamanda” de Conceição Evaristo. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, p. 845-859, jan./jun. 2019.

PALMEIRA, Francineide Santos; SOUZA, Florentina da Silva. Representações de gênero e afrodescendência na obra de Conceição Evaristo. *In: Anais IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, maio 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14440.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2023.

PEREIRA, Humberto Gomes; LISBOA, Natália de Souza. Análise decolonial das personagens femininas da obra *Olhos D’Água*, de Conceição Evaristo. **ANTARES: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 159-177, jan./abr. 2019.

RIBEIRO, Djamilá. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2021. 112 p. (Feminismos Plurais/Coordenação de Djamilá Ribeiro).

SOUZA, Fabiana Santos. O ser e o estar da mulher negra no conto “Luamanda”, de Conceição Evaristo. *In: Anais do III Seminário Nacional de Línguas e Linguagem da UFMS/CPAQ, IV Seminário da Sociedade dos Leitores Vivos*, Mato Grosso do Sul, v. 1, 2021, p.381-391. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/SeLLiAq/article/view/14919>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171 p.

Enviado em: 12/02/2023
Aceito em: 08/05/2023